

A missão digital no caminho sinodal



Por: Agustín Podestá*

O processo sinodal impulsionado pelo papa Francisco e reforçado por Leão XIV não apenas convidou a Igreja a refletir sobre si mesma, mas também a discernir como anunciar hoje o Evangelho nos novos cenários da humanidade. Entre os dez Grupos de Estudo criados para aprofundar questões surgidas durante o Sínodo, o terceiro foi inteiramente dedicado a um desafio que há apenas alguns anos parecia marginal e que hoje se torna incontornável: a missão da Igreja na cultura digital.

O Grupo de Estudo n.º 3, dedicado a **“A missão no ambiente digital”**, teve a tarefa de escutar, dialogar e elaborar orientações sobre um fenômeno que atravessa a vida cotidiana de milhões de pessoas. Seu relatório final é fruto de um amplo processo de escuta do qual participaram conferências episcopais, especialistas, pesquisadores, jovens e numerosos missionários digitais de diferentes continentes. Este documento é fruto de um verdadeiro exercício de discernimento eclesial acerca de um dos âmbitos nos quais hoje também se realiza a missão da Igreja.

A pergunta de fundo é como anunciar o Evangelho em uma cultura na qual boa parte das relações humanas, das buscas espirituais e da construção de sentido passa também pelos espaços digitais.

Durante muito tempo, a presença da Igreja na internet foi pensada principalmente a partir de uma lógica instrumental: utilizar novas ferramentas para transmitir mensagens. No entanto, o caminho percorrido pelo magistério nos últimos anos —desde *Rumo a uma plena presença* até o Documento Final do Sínodo— permitiu compreender que o desafio é mais profundo. O ambiente digital não é apenas um conjunto de tecnologias, mas uma cultura, com linguagens, dinâmicas, vínculos e formas de habitar o mundo que configuram a experiência humana contemporânea.

Precisamente aí reside uma das principais contribuições do relatório. A missão digital não consiste simplesmente em produzir conteúdos religiosos ou abrir perfis nas redes sociais. Supõe aprender a habitar uma cultura, compreender seus códigos, reconhecer suas possibilidades e também seus limites, para que o Evangelho possa encarnar-se ali onde as pessoas vivem, dialogam, sofrem, buscam respostas e constroem comunidade.

Essa mudança de perspectiva tem consequências pastorais muito importantes. Se o continente digital faz parte da vida cotidiana de milhões de pessoas, então também faz parte do horizonte da evangelização. Não porque a Igreja deva adaptar-

* Mestre em Teologia com especialização em História da Igreja (UCA) e Diploma Superior em Ecologia Integral (Rede RUCC). É Diretor do Departamento de Teologia da Universidade do Salvador, Argentina. É colaborador do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé. Coordenador acadêmico de linhas estratégicas do CEBITEPAL-CELAM. Membro da Sociedade Argentina de Teologia.

-se às modas tecnológicas, mas porque sua missão sempre consistiu em sair ao encontro das pessoas ali onde elas se encontram.

Nesse sentido, o relatório insiste que os espaços digitais podem converter-se em verdadeiros lugares de escuta. Muitas pessoas expressam neles suas perguntas mais profundas, compartilham sofrimentos, buscam acompanhamento ou tentam reconstruir vínculos rompidos. A missão digital aparece, assim, como uma forma concreta de viver a proximidade, o diálogo e o acompanhamento pastoral próprios de uma Igreja sinodal.

Ao mesmo tempo, o documento recorda que o mundo digital tampouco é um espaço neutro. As brechas de acesso, a desigualdade tecnológica, a concentração do poder em poucas plataformas, a desinformação, a polarização e as dinâmicas algorítmicas geram novas formas de exclusão. Por isso, a missão digital não pode ser reduzida a uma estratégia comunicacional: faz parte também da dimensão social da evangelização e da opção preferencial pelos pobres. Falar de inclusão hoje implica também promover uma comprometida e profética inclusão digital, para que ninguém fique excluído desta nova dimensão da vida social.

Outra das contribuições mais significativas do Grupo de Estudo 3 é a importância atribuída à formação. Assim como os grandes missionários de outros tempos aprenderam idiomas, conheceram culturas e compreenderam as tradições dos povos aos quais eram enviados, também hoje aqueles que anunciam o Evangelho precisam compreender as linguagens próprias da cultura digital. Não basta dominar ferramentas tecnológicas; é necessário desenvolver critérios de discernimento, maturidade espiritual, capacidade de diálogo e uma sólida formação teológica que permita evangelizar sem perder a profundidade da mensagem cristã.

O relatório introduz ainda uma questão particularmente nova para a vida da Igreja: a relação entre missão digital e organização eclesial. As estruturas pastorais tradicionais se desenvolvem principalmente a partir de um critério territorial —paróquias, dioceses, conferências episcopais—,

enquanto a cultura digital funciona a partir de redes que atravessam fronteiras, idiomas e países. Um missionário digital pode chegar, escutar e até acompanhar simultaneamente pessoas de diferentes continentes sem pertencer jurisdicionalmente a nenhum desses territórios.

Essa realidade apresenta desafios inéditos. Como acompanhar aqueles que desenvolvem essa missão? Como fortalecer sua comunhão eclesial? Que formas de discernimento e corresponsabilidade são necessárias? O relatório não oferece respostas canônicas definitivas, mas sim uma orientação: a relação entre os bispos e os missionários digitais deve ser fortalecida a partir de uma lógica pastoral e sinodal, baseada no acompanhamento, no reconhecimento e no discernimento compartilhado.

Talvez esse seja um dos maiores valores deste trabalho. A missão digital deixa de aparecer como uma iniciativa individual de pessoas especialmente hábeis nas redes sociais para ser reconhecida como uma autêntica dimensão da missão evangelizadora de toda a Igreja. Trata-se de um chamado a caminhar juntos, integrando os novos carismas que o Espírito suscita neste tempo dentro da comunhão eclesial.

Concluindo, o relatório do Grupo 3 expressa que a cultura digital não constitui um âmbito periférico da vida eclesial, mas um dos espaços onde hoje também está em jogo o anúncio do Evangelho. A missão da Igreja continua sendo a mesma; o que muda são os aréopagos onde homens e mulheres buscam sentido, constroem relações e abrem o coração à transcendência.

Habitar esses espaços com espírito missionário, com capacidade de escuta, com pregação kerygmática, com discernimento e com profunda humanidade constitui um dos grandes desafios pastorais deste tempo. O trabalho realizado pelo Grupo de Estudo 3 representa um passo importante nesse caminho e oferece orientações valiosas para continuar construindo uma Igreja cada vez mais sinodal, capaz de anunciar Cristo também no coração da cultura digital.